

Dois textos sobre o comércio

Joseph Addison

Tradução, apresentação e notas **Pedro Pimenta**

Pós-Doutorando em História da Filosofia Moderna
na Universidade de São Paulo

Os textos de Joseph Addison que aqui apresentamos em tradução realizada a partir do original inglês foram publicados, respectivamente, nos números 3 e 69 do diário *The Spectator*, editado por Addison e seu amigo Richard Steele em Londres, entre março de 1711 e dezembro de 1712. O assunto a que se dedicam é, em linguagem contemporânea, a "economia", mas não se deve esquecer que, quando foram redigidos, essa "ciência" ainda não recebera um certificado de autonomia em relação à esfera da especulação metafísica, onde se encontrava essencialmente vinculada à política. Se três décadas depois (em 1742) Hume apresenta a possibilidade de "reduzir a política a uma ciência", os ensaios em que esboça esse movimento ainda consideram questões como o comércio entre as nações, a dívida e o crédito públicos e a importância da moeda como políticas, e não se fala, em nenhum momento, na economia enquanto "ciência". Sendo assim, as palavras de Addison remetem-nos a um tempo em que, a nos fiarmos em Foucault, o "homem" ainda não ocupava o centro da reflexão sobre o "mundo", e não se podia falar numa "ciência humana" como a "economia" ou qualquer outra.

Ausente dos manuais de filosofia, Addison não deixa de ser um filósofo, cuja posição na fulgurante constelação do século XVIII nunca deixou de ser reconhecida pela fina flor da Ilustração, na Grã-Bretanha mas também no continente. Sem pretender reparar as faltas dos manuais e historiadores em geral, limitemo-nos a observar que se é possível falar numa filosofia em textos que lidam com o cotidiano da grande cidade que é a Londres de Addison ("capital do império", diz ele antevendo o futuro), é precisamente porque esses textos, de superfície agradável e em nada aparentados à sisudez da qual não escapam nem mesmo os avatares da época (vide Locke), se articulam a partir de uma reflexão que se esforça em esclarecer o sentido das atitudes humanas a partir delas mesmas, sem pressupostos sistemáticos. Falando a respeito da troca de mercadorias, Addison não faz senão situar uma dentre as

tantas camadas em que a sociabilidade humana, traço natural, repositório do *telos* da natureza, se fortalece e constitui o que o século XIX chamará de "reino da cultura". Partidário resoluto do "empirismo", Addison foi dos primeiros a compreender que a importância essencial dessa filosofia não reside em propor um "racionalismo" às avessas, mas antes que a negação do racionalismo advém da necessidade de dar conta de um mundo que, ainda que atomizado, se constitui a partir de relações. Na natureza, elas estão dadas; na cidade, elas constroem-se e se remodelam a cada instante, e assim o sistema previamente elaborado cede passo à reflexão que, partindo do particular, descobre regras próprias para sua compreensão e exposição.

Seria possível apontar para inúmeros desdobramentos do que se encontra em "germe" na prosa de Addison – a padronização da língua inglesa, a prosa jornalística, o ensaio enquanto forma literária, a ideologia burguesa etc. Mas não é preciso dar um passo à frente de 1711 e olhar retrospectivamente para perceber que, dentre as muitas novidades semeadas pelo *Spectator*, talvez a mais significativa já se encontre plenamente desenvolvida. Convidando o leitor a acompanhá-lo em sua reflexão livre sobre o cotidiano londrino, Addison subtrai à filosofia a pretensão ao acesso a uma verdade essencial, restituindo-lhe o que lhe é de direito: ao instaurar-se no campo da "interpretação da cultura", o filósofo renuncia ao título de metafísico para assumir o de crítico. Nesse sentido, como se disse já no ocaso das Luzes, o século XVIII é o século da crítica, e também o século de Addison.

Uma nota a respeito da tradução. Os textos utilizados são os que aparecem na edição completa do *Spectator* (4 vols., ed. C. G. Smith, Everyman's Library, Nova York, 1945). Para as notas recorreremos, além da edição de Smith, à coletânea organizada por Angus Ross, *Selections from The Tatler and The Spectator* (Londres, Penguin, 1982). Os textos latinos e gregos são citados segundo traduções já existentes para o português. Os textos originais não trazem títulos; os títulos aqui apresentados se devem a Angus Ross.

O Banco da Inglaterra: uma visão.

The Spectator n. 3

Sábado, 3 de Março de 1711

Et quo quisque fere studio devinctus adhaeret
Aut quibus in rebus multum sumus ante morati
Atque in ea ratione fuit contenta magis mens.
In somnis eadem plerumque videmur obire. Lucrécio, Livro 4¹.

Numa de minhas recentes rumações, ou melhor, especulações, pude observar o grande salão em que se encontra o Banco, e, não sem grande prazer, ver ali os diretores, secretários e escreventes, ao lado dos demais membros dessa rica corporação, ocupando os postos correspondentes ao papel que desempenham em sua justa e regular organização. Isso reavivou em minha memória as muitas considerações que li e ouvi a respeito do declínio do crédito público e dos métodos para seu restabelecimento, que, em minha opinião, sempre pecaram por terem em vista interesses dissociados e princípios partidários.

Os pensamentos do dia forneceram emprego para minha mente durante a noite, e imperceptivelmente mergulhei numa espécie de sonho metódico, onde todas as minhas contemplações foram dispostas numa visão ou alegoria, ou como quer que o leitor queira chamá-lo.

Pensei estar de volta ao grande salão em que estivera na manhã anterior, mas, para minha surpresa, em lugar do grupo que ali encontrara, eu vi, em direção à extremidade elevada do salão, uma bela virgem sentada num trono de ouro. Seu nome era (segundo me informaram) *Crédito Público*. Em lugar de serem as paredes adornadas por ilustrações e mapas, delas pendiam atos do Parlamento escritos em letras douradas. Na extremidade elevada do salão encontrava-se a *Magna Carta*, com o Ato de Uniformidade à sua direita e o Ato de Tolerância à sua esquerda. Na extremidade rebaixada do salão encontrava-se o Ato de Instituição, posicionado diante da visão da virgem que se sentava ao trono. Ambas as laterais do salão estavam cobertas por atos do Parlamento formulados para o estabelecimento de

¹ "E, sejam quais forem os objetos a que por inclinação cada um se sente preso, é a eles, às coisas em que muito nos demoramos, àquelas em que o espírito mais se ocupou com especial atenção, que, na maior parte das vezes, vemos, segundo nos parece, virem em sonhos ao nosso encontro". Lucrécio, *Da natureza*. Livro 4, 962-6. Tradução de Agostinho da Silva. Os Pensadores v, São Paulo, Abril, 1973.

fundos públicos. A dama parecia atribuir um valor incalculável a essas diversas peças de decoração, tanto que constantemente estimulava seus olhos com elas, sorrindo com um prazer velado enquanto as olhava; mas, ao mesmo tempo, mostrava um desconforto muito claro à aproximação de algo que pudesse quebrá-las. Todo seu comportamento parecia, na verdade, bastante cuidadoso: e, não sei se devido à delicadeza de sua constituição, ou por ser atormentada por vapores, como me disse depois alguém que não se encontrava entre seus simpatizantes, ela mudava de cor e alarmava-se diante de qualquer coisa que ouvia. Da mesma maneira (como constatei posteriormente), ela estava entre as maiores valetudinarianas com que alguma vez me deparei, até mesmo entre as de seu sexo, sujeita a convulsões momentâneas tais que, num piscar de olhos, perdia a mais florida compleição e o estado mais saudável de corpo e definhava num esqueleto. Era freqüente que sua recuperação fosse tão súbita quanto suas recaídas, tanto assim que num instante se reavivava de um destempero lamentável a um hábito da maior saúde e vigor.

Logo tive oportunidade de observar essas rápidas variações e alterações em sua constituição. Aos seus pés encontrava-se um par de secretários que a toda hora recebiam cartas de todas as partes do mundo, e que liam alternadamente para ela; e, de acordo com as notícias que recebia, às quais era extremamente atenta, mudava de cor e mostrava diversos sintomas de saúde ou de doença.

Atrás do trono encontrava-se um imenso monte de pacotes de dinheiro, empilhados uns sobre os outros até o teto. O chão, à sua direita e à sua esquerda, era recoberto por vastas somas de ouro que se erguiam em pirâmides em cada um de seus lados: mas isso não me espantou tanto quanto saber, após investigar, que seu tato possuía a mesma virtude da qual, segundo os poetas, era dotado o rei da *Lídia*; e que era capaz de converter o que quisesse nesse metal precioso.

Após uma certa tontura e confusão de pensamento pelas quais um homem sempre passa em sonhos, pensei ver o salão em rebuliço, à entrada, por suas portas escancaradas, de meia dúzia dos mais assombrosos fantasmas que alguma vez vira (até mesmo num sonho). Eles vinham em pares, ainda que associados de maneira muito estranha, e se reuniram numa espécie de dança. Seria tedioso descrever seus hábitos e sua personalidade; por essa razão, me limitarei a informar meu leitor de que o primeiro par era formado pela tirania e a anarquia, o segundo pela intolerância e o ateísmo e o terceiro pelo gênio republicano e um jovem, de cerca de vinte anos, cujo nome não vim a saber. Em sua mão direita ele trazia uma espada, que em sua dança bradava contra o Ato de Instituição; e um cidadão que se encontrava ao meu

lado sussurrou em meu ouvido que vira uma esponja em sua mão esquerda.² A dança de tantas naturezas dissonantes trouxe à minha mente o sol, a lua e a terra num *ensaio*, a dançar sem outro propósito do que eclipsar um ao outro.

O leitor não terá dificuldade para supor, a partir do que foi dito, que o pânico teria levado a dama no trono a desfalecer, tivesse visto um desses espectros que fosse; e qual não foi sua reação ao ver todos eles num só corpo? Ela desmaiou e expirou.

*Et neque jam color est mixto candore rubori:
Nec vigor. & vires, & quae modo visa placebant,
Nec corpus remanet...* Ovídio, *Metamorfoses*, Livro 3.³

Houve uma alteração significativa no monte de sacos de dinheiro e nas pilhas de ouro, pois os primeiros reduziram-se a muitos sacos vazios, e agora nem mesmo um décimo continha dinheiro. O restante, que ocupava o mesmo espaço e tinha a mesma aparência do que os sacos que realmente continham dinheiro, fora levado pelo vento, invocando em minha memória os sacos cheios de vento que *Homero* nos diz ter recebido seu herói como presente de *Aeolus*.⁴ As grandes pilhas de ouro que ladeavam o trono se pareciam agora com montes de papel, ou com pequenas pilhas de gravetos entalhados e amontoados em feixes, tal como esponjas de *banho*.

² O "gênio republicano" refere-se ao período do Protetorado sob Cromwell, quando da abolição da monarquia; o jovem com a espada e a esponja referem-se ao pretendente jacobita (católico) ao trono, filho de Jaime II. Ambos são uma ameaça à dívida pública para com investidores da *City* e ao Ato de Instituição que trouxe a sucessão monárquica de volta à linhagem protestante.

³ Adaptação de Ovídio, *Metamorfoses*, Livro III, 491-3:

⁴ HOMERO, *Odisseia*, Canto x, 19:

Enquanto eu lamentava a repentina desolação promovida à minha volta, a cena inteira desapareceu: em lugar dos assustadores espectros, uma segunda dança adentrou, composta por aparições agradavelmente combinadas de amáveis fantasmas. O primeiro par era formado pela liberdade e, à sua mão direita, a monarquia: o segundo, pela moderação, que conduzia a religião; e o terceiro, por uma pessoa que eu nunca vira e o gênio da *Grã-Bretanha*.⁵ Ao adentrarem, a dama reviveu, os pacotes recuperaram seu volume anterior e as pilhas de esponjas e montes de papel transformaram-se em pirâmides de guinéus: quanto a mim, fui transportado de tal maneira pelo júbilo que despertei; e devo confessar que, se fosse possível, de bom grado voltaria a dormir para ver o desfecho de minha visão.

⁵ A "pessoa que eu nunca vira" é Jorge I, príncipe do Eleitorado de Hannover que, após pressões dos *Whigs* no Parlamento e sobre a Coroa, assumiu o trono inglês afastando a perspectiva de um monarca "papista". É importante não esquecer que o *Spectator* era, mais do que um órgão de simpatia às posições dos *Whigs*, um meio de promoção destas. O primeiro número do jornal (1 de março de 1711) é dedicado a John, Lorde Sommers, líder dos *Whigs* e patrono de Jonathan Swift e do terceiro Conde de Shaftesbury.

A Bolsa Real

The Spectator n. 69

Sábado, 19 de Maio de 1711.

*Hic segetes, illic veniunt felicius uvae;
Arborei foetus alibi atque injussa virescunt
Gramina. Nonna vides, croceos ut Tmolus odores,
India mittit ebur, molles sua thura Sabaei?
At Chalybes nudi ferrum, virosaue Pontus
Castorea, Eliadum palmas Epirus equarum?
Continuo has leges aeternaue foedera certis
Imposuit natura locis... — Vergílio.¹*

Não há lugar da cidade que eu goste tanto de freqüentar quanto a *Bolsa Real*. Dá-me uma satisfação velada e, em certa medida, gratifica minha vaidade, porquanto seja um *inglês*, testemunhar uma assembléia tão diversificada, de compatriotas e de estrangeiros, consultando uns aos outros a respeito de negócios privados dos homens, e fazendo desta metrópole uma espécie de *empório* de todo o planeta. Devo confessar que encaro a Bolsa como um imenso conselho no qual todas as nações consideráveis têm seus representantes. Corretores são, no mundo comercial, como embaixadores no mundo político: fecham negócios, concluem tratados e mantêm uma boa correspondência entre as ricas sociedades humanas separadas umas das outras por mares e oceanos, ou que habitam extremidades opostas de um mesmo continente. Muitas vezes me aprouve testemunhar o ajuste de disputas entre um habitante do *Japão* e um edil de *Londres*, ou ver a coligação entre um súdito do Grande *Mogul* e outro do *Czar de Moscou*. Deleita-me infinitamente me misturar aos muitos ministros de comércio que se distinguem por suas diferentes maneiras de caminhar e línguas: por vezes me encontro em meio a um grupo de *armênios*: noutras, perco-me numa multidão de *judeus*; e, por outras, passo por *holandês* em meio a eles. Eu sou *dinamarquês*, *sueco* ou *francês* em diferentes momentos, e imagino-me como o antigo filósofo que, ao ser indagado sobre qual sua nacionalidade, respondeu: "eu sou um cidadão do mundo".²

¹ VERGÍLIO, *Geórgicas*, Livro I, 54–61:

² Diógenes, o Cínico que, segundo Diógenes Laércio, intitulava-se *cosmopolita*. *Vidas e opiniões dos filósofos*, livro vi, 63.

Minhas visitas a essa agitada multidão são muito freqüentes, mas ninguém ali me reconhece além de meu amigo Sir **Andrew**³, que por vezes sorri para mim ao me avistar apressado na multidão, mas que, outras vezes, percebe minha presença mesmo sem nota-la. Há, na verdade, um mercador do *Egito* que me conhece de vista, tendo uma vez remetido dinheiro meu para a *Grande Cairo*; mas, como não sou versado em *cóptico* moderno, nossas conversas não vão além de um reclinar e uma visada.

Essa cena grandiosa dos negócios propicia-me uma variedade infinita de entretenimento sólido e substancial. Visto que sou um grande amante da humanidade, é natural que meu coração se inunde de prazer à visão de uma multidão próspera e feliz, a ponto de, em muitas solenidades públicas, eu não conseguir evitar a expressão de meu júbilo com lágrimas que escorrem por minhas faces. Por essa razão, deleita-me maravilhosamente ver um corpo de homens como esse com fortunas privadas florescentes e, ao mesmo tempo, promovendo os fundos públicos; ou, em outras palavras, gerando bens para suas próprias famílias ao trazer para o país o que falta e levar para fora o que é supérfluo.

A natureza parece mostrar um cuidado especial na disseminação de suas bênçãos entre as diferentes regiões do mundo, com vistas ao intercurso e ao tráfico mútuo entre os homens, de maneira tal que os nativos das muitas partes do globo dependem, de alguma maneira, uns dos outros, e se conjugam por seu interesse comum. Quase todo *grau* produz algo de peculiar a si. O alimento muitas vezes cresce num país, e o molho em outro. As frutas de *Portugal* são equilibradas pelos produtos de *Barbados*: a infusão de uma planta da *China* é adoçada por uma pitada de cana das *Índias*. As ilhas *Filipinas* dão aroma aos ponches *européus*. Uma única vestimenta de uma mulher de distinção muitas vezes é produto de centenas de climas. O regalo e o leque vêm ambos de diferentes extremidades da terra. O cachecol é enviado da zona tórrida, e a platina da subpolar. A anágua brocada surge das minas do *Peru*, e o colar de diamantes das minas do *Indostão*.

³ Sir Andrew Freeport, comerciante que liderava o grupo de apoio aos *Whigs*, representante dos interesses financeiros, cujas posições são da simpatia de Addison e Steele. Ver *The Spectator* n. 174, em que Steele contrapõe a defesa do comércio por Sir Andrew à desconfiança expressa por Sir Roger de Convey, representante dos *Tories*.

Se considerarmos o prospecto natural de nosso próprio país, sem nenhum dos benefícios e das vantagens do comércio, que bocado de terra estéril e desconfortável não nos foi reservado! Historiadores naturais dizem-nos que nenhuma de nossas frutas é original, além de espinhos e pilritos, glandes e bolotas, além de outras delicadezas de natureza a fim; que nosso clima por si mesmo, sem a assistência da arte, não poderia progredir mais em relação ao prumo do que ao abrunho, e não levaria uma maçã a uma perfeição maior do que a de um caranguejo; que nossos melões, pêssegos, figos, damascos e cerejas são estrangeiros entre nós, importados em diferentes períodos e naturalizados em nossos jardins *ingleses*; e que todos eles degenerariam e apodreceriam nos dejetos de nosso próprio país caso fossem inteiramente negligenciados pelos que os plantam, e deixados aos cuidados de nosso sol e de nosso solo. E, assim como o tráfico enriqueceu nosso mundo vegetal, também aperfeiçoou a face inteira da natureza entre nós. Nossos navios trazem a colheita de todos os climas: nossas mesas são guarnecidas de especiarias, óleos e vinhos; nossos aposentos são decorados por pirâmides da *China*, e adornados pelo artesanato do *Japão*; nossos roupões vêm dos cantos mais remotos da terra: remediamos nossos corpos com as drogas da *América*, e repousamos sob cobertores das *Índias*. Meu amigo Sir **Andrew** diz que os vinhedos da *França* são os nossos jardins; que as ilhas das especiarias são nossos viveiros; que os *persas* são nossos *tecelões*, e os *chineses*, nossos ceramistas. A natureza fornece-nos, na verdade, todas as necessidades básicas da vida, mas o tráfico nos propicia a grande variedade do que é útil, suprimindo-nos, ao mesmo tempo, de tudo quanto é conveniente e ornamental. Tampouco é parte desprezível de nossa felicidade que desfrutemos dos produtos mais distantes, do sul e do norte, e estejamos livres, ao mesmo tempo, dos climas extremos que lhes dão origem: que a nossos olhos se ofereçam os campos verdes da *Grã-Bretanha*, ao mesmo tempo em que nossos paladares se refestelam com as frutas que nascem entre os trópicos.

Por essas razões, não pode haver numa Comunidade membros mais úteis do que os mercadores. Eles entrelaçam os homens num intercuro de favores recíprocos, distribuem as oferendas da natureza, dão trabalho aos pobres, aumentam a riqueza dos ricos e a magnificência dos grandes. Nossos mercadores *ingleses* convertem o estanho de seu próprio país em ouro, e trocam seu algodão por rubis. Os *maometanos* vestem-se com nossa manufatura *britânica*, e os habitantes da zona gelada aquecem-se em tosões de nossas ovelhas.

Muitas vezes em que estive na *Bolsa*, imaginei ali um de nossos antigos reis em pessoa, em lugar de sua representação em efígie, a observar o rico concurso de pessoas que diariamente lota o lugar. Estivesse mesmo ali, qual não seria sua surpresa ao ouvir todas as línguas da *Europa* faladas nesse pequeno ponto de

seus antigos domínios, e ao observar muitos indivíduos, que em seu tempo seriam vassallos de algum poderoso barão, negociando como príncipes, em somas de dinheiro superiores às que antes se encontravam no Tesouro Real! O comércio, sem ampliar os territórios *britânicos*, deu-nos um tipo de império adicional: multiplicou o número de ricos, tornou nossas propriedades fundiárias infinitamente mais valiosas do que eram antes, e acrescentou a elas a acessão a outras posses tão valiosas quanto as terras mesmas.